

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

O “JEITINHO” COMO UMA MARCA DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Bruna Macedo de Moura (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Camila Petyk Ceroni (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Eliane Domingues (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: brunah_macedo17@hotmail.com
camilapetyk@hotmail.com

Palavras-chave: Jeitinho brasileiro. Identidade nacional. Psicanálise.

O presente projeto de pesquisa está inserido em um projeto maior nomeado *Identidade nacional: mitos e estereótipos do ser brasileiro* que tem por objetivo investigar o que marcou a constituição da identidade brasileira e quais são as marcas atuais, buscando a especificidade do olhar psicológico. Nosso objetivo será investigar esta característica atribuída ao brasileiro, o chamado “jeitinho”, pensando em questões como: será que o “jeitinho” pode ser considerado uma característica do brasileiro? Como e quando se construiu esta marca da identidade nacional? E a partir destas questões definir o “jeitinho” brasileiro em uma perspectiva sociológica e psicanalítica, diferenciando-o da malandragem.

O jeitinho brasileiro é algo muito popular, independente de região ou classe social, muitos brasileiros já deram um jeitinho para conseguir algo. Nesta pesquisa o assunto será correlacionado com outras ideias como a de malandragem e a de gambiarra, sempre pensando no jeitinho como uma marca da identidade nacional brasileira e no seu surgimento a partir do contexto histórico de nosso país.

O projeto busca expor pontos positivos do jeitinho como, por exemplo, o lado conciliador do brasileiro, e também do ponto de vista do autor Roberto Da Matta (1984) dizendo que o “jeitinho” é uma junção do “pode” com o “não pode” que é singularmente brasileiro e a junção desses termos produz o “jeitinho”. O autor Lourenço Stelio Rega (2000) em seu livro “Dando um jeito no jeitinho” propõe a ideia de que o jeitinho pode ser negativo quando relacionado a questões como a corrupção ou leis que são burladas ou levar vantagens em algumas situações com o “jeitinho”, e como lado positivo a criatividade do brasileiro ao lidar com algumas situações cotidianas.

O jeitinho pode ainda ser observado de vários modos em nossa sociedade, no livro “Carnavais, Malandros e Heróis”, Da Matta (1981) nos traz uma frase polêmica usada com

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

bastante frequência no Brasil, e que associada ao jeitinho brasileiro, propõe uma visão negativa: “Você sabe com quem está falando?” esta frase utilizada pelos brasileiros, nos dá ideia de uma hierarquia de tentar se sobressair ou se reafirmar diante de determinada pessoa ou situação, querendo se valer, por exemplo, de uma posição social para se sair bem.

Objetivando desenvolver a pesquisa vinculada a um referencial psicanalítico, faz-se menção a um dos poucos psicanalistas que se debruçou sobre o tema jeitinho brasileiro em seus estudos, o autor Contardo Calligaris, que em seu livro “Hello Brasil!” (1991) cita o jeitinho em um capítulo onde o assunto é a marginalidade:

Mas a sua nobreza tem que ser considerada numa estrutura onde a origem da lei aparece como uma prepotência escravizante e o ato nas margens é o lugar de onde se espera uma dignidade de sujeito. Deste ponto de vista, o jeitinho não parece ser o símbolo de um crônico subdesenvolvimento simbólico: ele é também uma esperança. (CALLIGARIS, 1991, p. 113)

Considerando epifenômeno como algo que é derivado de algum fenômeno, o jeitinho, segundo Calligaris (1991) mostra-se como uma esperança, pois, apelar para um conhecido para conseguir, por exemplo, evitar uma fila, não pode ser considerado como algo errado.

O jeitinho brasileiro possui diferentes definições e como já foi apontado diferentes questões a serem pesquisadas, como, por exemplo, a relação do jeitinho brasileiro com a malandragem e a corrupção, ou se o jeitinho brasileiro pode ser considerado uma característica psicológica do povo brasileiro.

O autor Sérgio Buarque de Holanda (1995) em seu livro “Raízes do Brasil” traz a ideia de homem cordial, onde o brasileiro é aquele que vem da família, o homem hospitaleiro e generoso, que age com o coração ao invés da razão, a palavra cordial remete ao latim que *cordis* significa coração. Ainda segundo Holanda (1995) o brasileiro possui grande herança de Portugal, além de uma herança indígena e africana o que o torna mais voltado para a família e as amizades.

Para responder as questões propostas neste projeto, realizaremos uma pesquisa bibliográfica, com a intenção de conhecer as várias contribuições científicas disponíveis sobre o jeitinho e a partir de uma triagem estabeleceremos um plano de leitura, realizando uma análise, interpretação, e fichamento das obras utilizadas.

Os critérios de seleção para a pesquisa serão teses, artigos, dissertações, obras e entre outras literaturas que sejam relevantes sobre o tema, autores considerados clássicos no assunto para embasar a pesquisa como o antropólogo Roberto Da Matta e o historiador Sergio

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Buarque de Holanda. Utilizaremos também sites na busca de artigos científicos sobre o tema como o banco de dados da CAPES e outros sites com conteúdos científicos, com as palavras-chave: jeitinho brasileiro, jeitinho, malandragem.

Referências

CALLIGARIS, Contardo. **Hello Brasil!** Notas de um psicanalista europeu viajando no Brasil, São Paulo: Editora Escuta, 1991. 173 p.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984. 128 p.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 272 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** 4ª ed. revista pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220 p.

REGA, Lourenço Stelio. **Dando um jeito no jeitinho:** como ser ético sem deixar de ser brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 244 p.